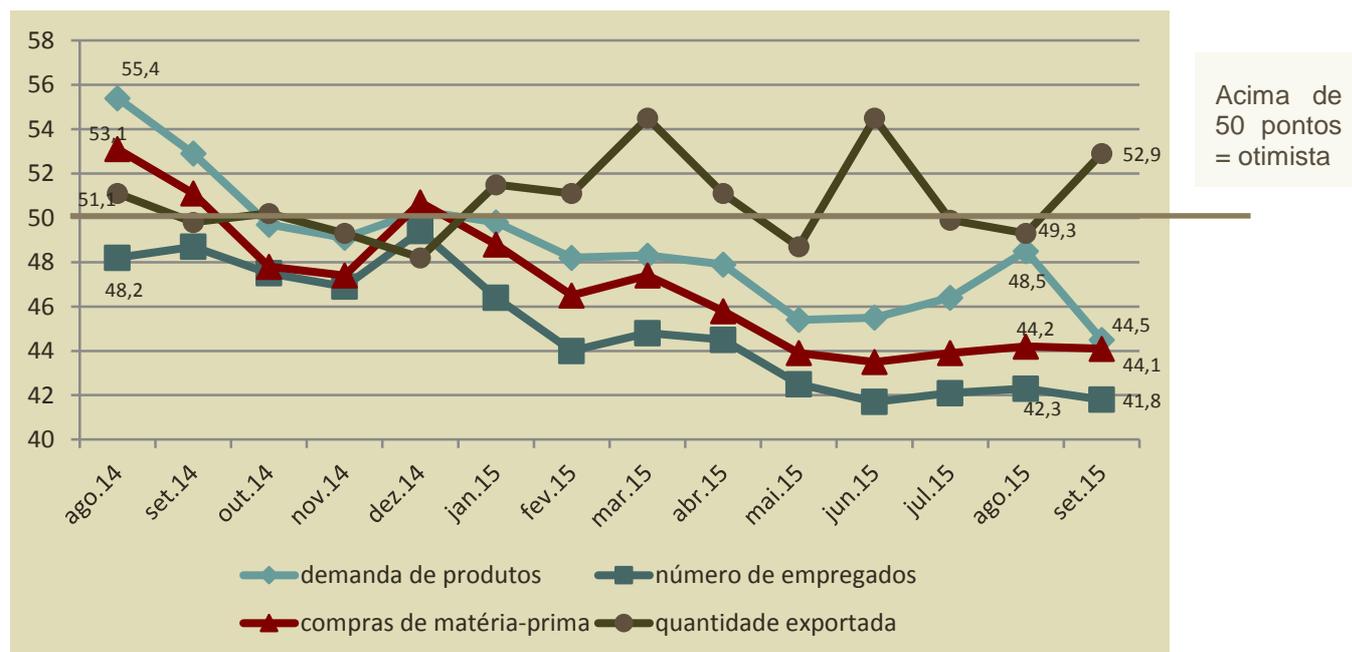


Mercado externo será o impulsionador da atividade industrial em 2016

A Sondagem industrial, realizada junto a 175 indústrias catarinenses no mês de setembro, mostrou que as expectativas da indústria em relação ao mercado interno, para os próximos seis meses, continuam negativas. Os indicadores de demanda, compras de matérias-primas e número de empregados mantêm-se abaixo dos cinquenta pontos, sinalizando que haverá retração do mercado interno no próximo semestre. Quanto às exportações, os dados passaram a indicar que haverá expansão na quantidade exportada nos próximos seis meses. Portanto, os efeitos positivos da desvalorização cambial para a balança comercial catarinense tendem a ser mais evidentes a partir de 2016.

Perspectivas da indústria para os próximos seis meses (pontos)



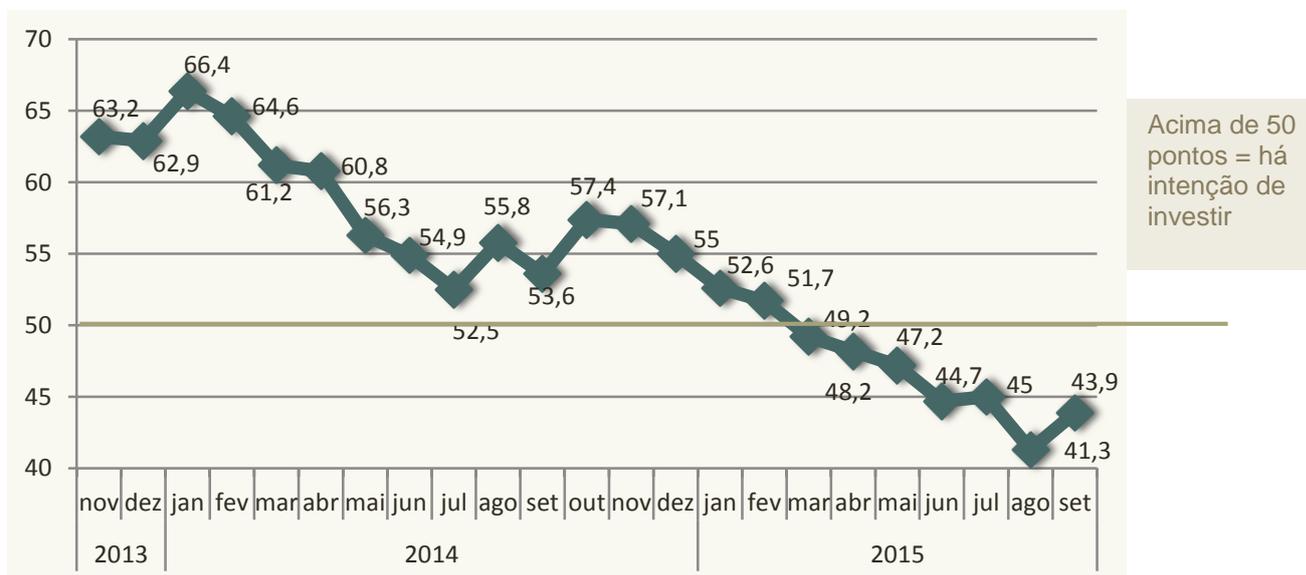
Fonte: FIESC/PEI e CNI

O Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam expectativa de crescimento da demanda, da quantidade exportada, do emprego e da compra de matérias-primas nos próximos seis meses. Abaixo de 50 indica perspectiva de queda.

A intenção de investir continua abaixo dos cinquenta pontos, o que indica que haverá retração de investimentos nos próximos seis meses. Somente 11% das empresas pesquisadas afirmou que realizará investimentos nos próximos 6 meses, definitivamente. Das demais, 25% responderam que provavelmente investirão e 64% não realizarão investimentos.

Entretanto, observa-se pelo gráfico abaixo que o indicador de intenção de realizar investimentos, que estava em queda desde novembro de 2014, cresceu na comparação com o mês anterior.

Intenção de investir nos próximos seis meses (pontos)

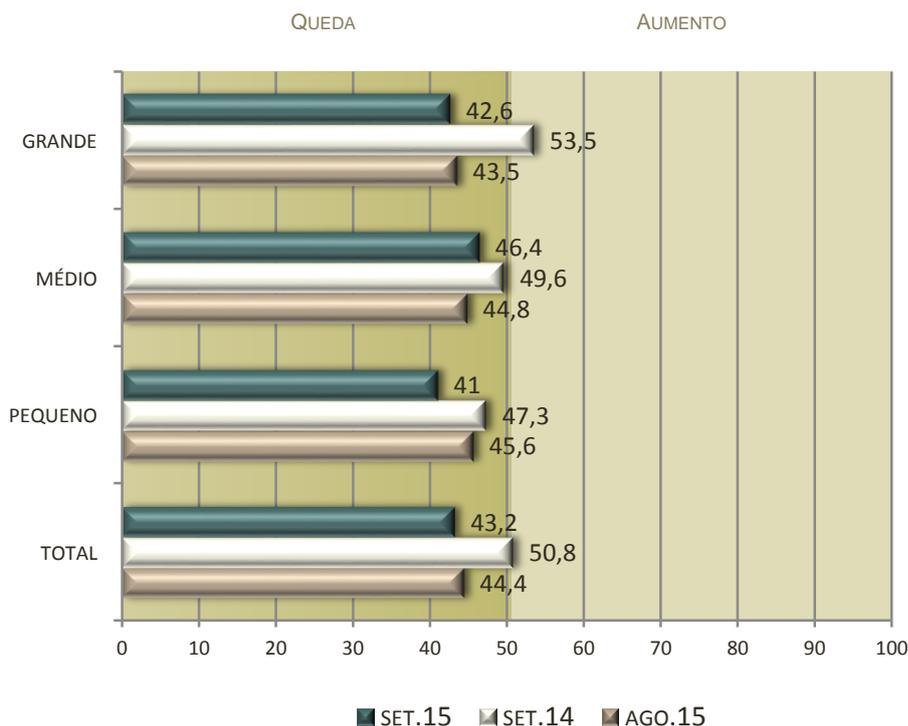


Fonte: FIESC/PEI e CNI. O Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam intenção de investir nos próximos seis meses. Valores abaixo de 50 indicam que não há intenção de investir nos próximos seis meses.

As pequenas e médias empresas são aquelas que mais responderam que não realizarão investimentos nos próximos seis meses. Se considerados somente os dados das grandes empresas, observa-se que a maioria afirmou que realizará investimentos, ou definitivamente (22,6%), ou provavelmente (38,7%). Portanto, 38 das 62 grandes empresas que participaram da pesquisa estão planejando investir nos próximos meses, apesar de 24 empresas indicar incerteza quanto a essa possibilidade.

Em setembro de 2015, o indicador de volume de produção foi de 43,2 pontos, o que sinaliza retração da quantidade produzida em relação ao mês anterior. Foi o pior setembro desde 2012. Todos os portes de empresas sinalizaram retração do volume de produção frente ao mês anterior.

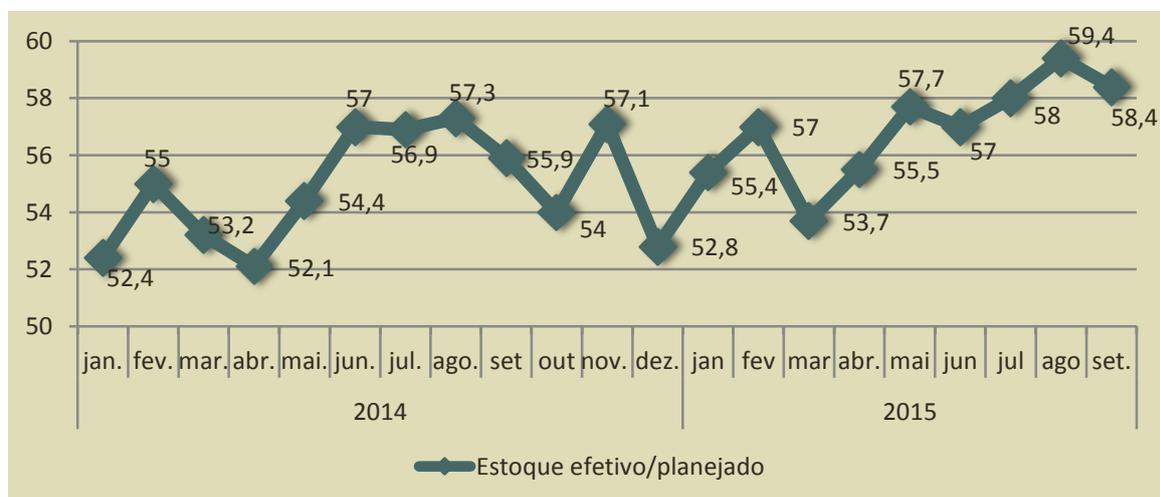
Evolução da Produção em setembro de 2015 comparada a agosto de 2015 e a setembro de 2014 (pontos)



Fonte: FIESC/PEI e CNI. O Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam aumento de produção frente ao mês anterior e abaixo de 50, queda.

Os estoques indesejados mantiveram-se acima da linha divisória dos 50 pontos, mas, apresentaram diminuição em relação ao mês anterior. O indicador situou-se em 58,4 pontos, abaixo dos 59,4 pontos de agosto de 2015, quando ocorreu o pior indicador mensal do período 2012-2015 e também abaixo de set. de 2011 (58,5 pontos).

Estoque efetivo em relação ao planejado, janeiro de 2014 a setembro de 2015 (pontos)

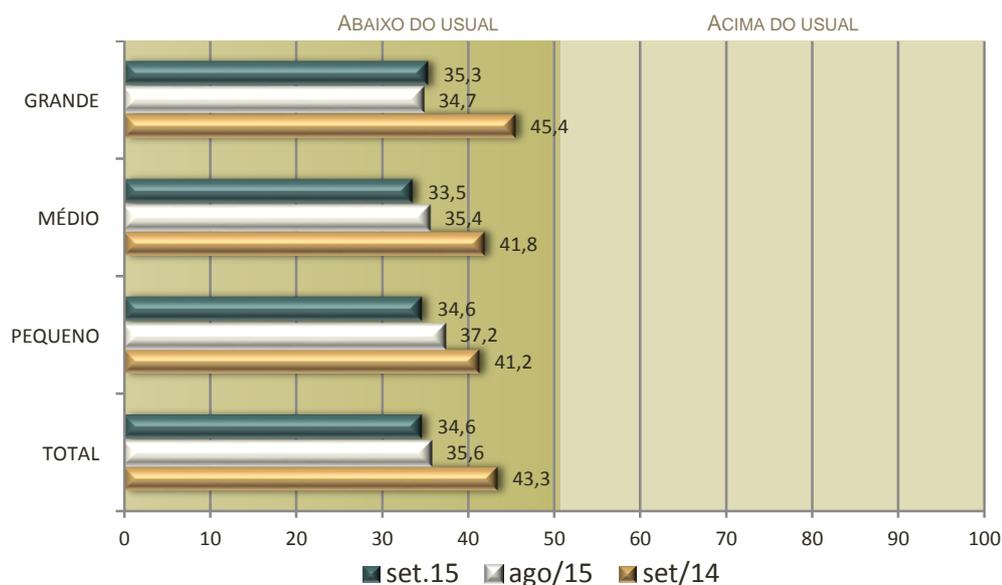


Acima de 50 pontos = estoque acima do planejado

Fonte: FIESC/PEI e CNI

O indicador de utilização da capacidade instalada efetiva em relação ao usual situou-se em 34,6 pontos em setembro, mostrando que a capacidade produtiva está abaixo do usual para o mês, sobretudo para as empresas de médio porte (33,5 pontos).

Utilização da capacidade instalada em setembro (efetiva/usual) por porte de empresa (pontos)

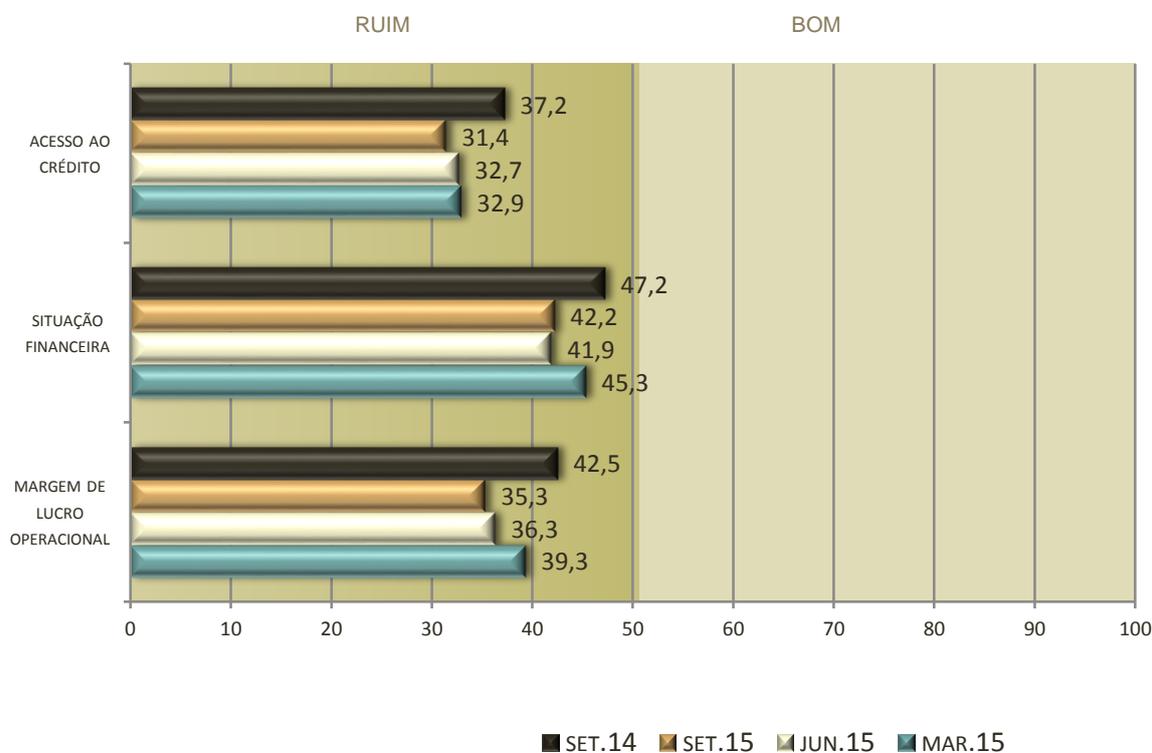


Fonte: FIESC/PEI e CNI. O Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam capacidade instalada acima do usual para o mês e menor que 50 pontos, abaixo do normal para o período.

Do total de empresas pesquisadas, 36% revelou atuar com a capacidade instalada igual ao usual, enquanto 58% informou estar operando com capacidade abaixo do usual e somente 6% está operando acima do usual para o mês. Das grandes empresas pesquisadas, 41% ou 26 indústrias afirmaram estar operando com nível igual ao usual, enquanto 44% (ou 28 empresas) está com capacidade abaixo do usual. Três das 63 grandes empresas pesquisadas estão com capacidade acima do usual.

No terceiro trimestre de 2015, a indústria catarinense operou com margens reduzidas, com situação financeira insatisfatória e dificuldades de acesso ao crédito. Nos últimos trimestres, as empresas tiveram redução de margens e mais dificuldade de acesso ao crédito, além de pior situação financeira em relação ao ano passado.

Situação Financeira, margem de lucro operacional e acesso ao crédito (pontos)



Fonte: FIESC/PEI e CNI. O Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam situação financeira e margem operacional boa e, abaixo de 50, indicam que os indicadores são considerados ruins. Valores acima de 50 indicam acesso ao crédito facilitado e abaixo de 50 indica dificuldade de ter acesso ao crédito.

Dentre os principais problemas enfrentados pelas empresas pesquisadas, a elevada carga tributária foi indicada como o mais relevante, citada com maior frequência. Na sequência, problemas relativos à demanda insuficiente, taxa de câmbio e alto custo da energia foram destaque. Observa-se que a desvalorização é um problema para diversos segmentos da indústria (plásticos, têxteis, vestuário, etc), que possuem os custos dos insumos atrelados ao dólar enquanto as vendas concentram-se no mercado interno.

Principais Problemas enfrentados pela Indústria Catarinense – 3º trimestre de 2015 (% de respostas).

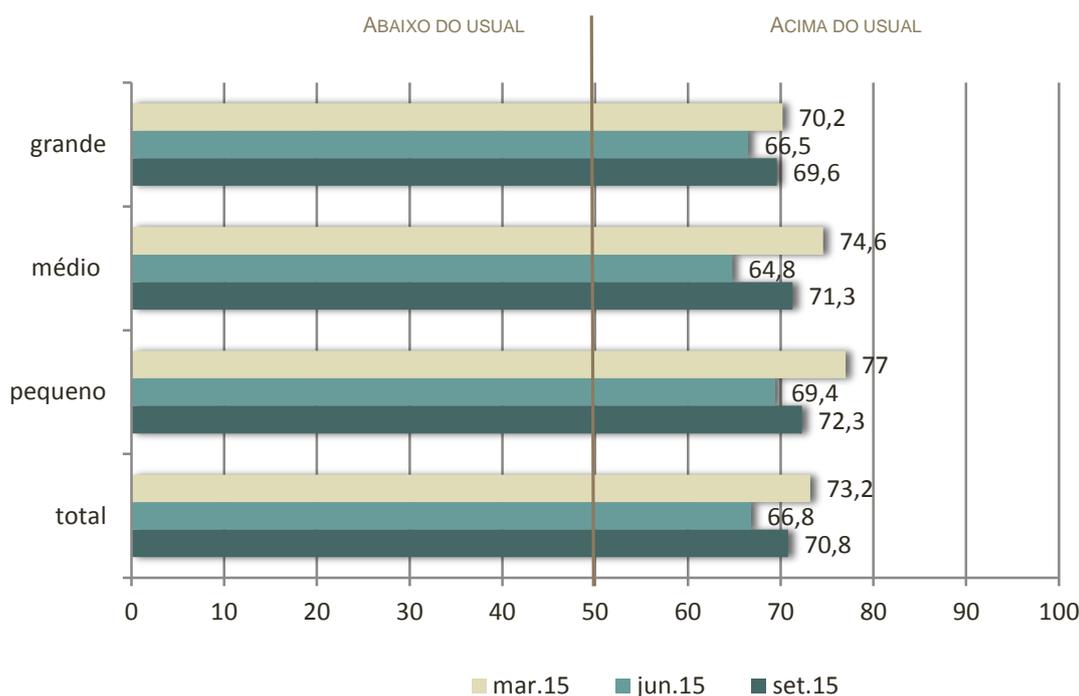


Fonte: FIESC/PEI e CNI

O preço das matérias-primas está acima da linha dos cinquenta pontos para todos os portes de empresas pesquisadas, o que indica que os preços dos insumos continuam além do usual para o mês da pesquisa, contribuindo para compressão das margens. No acumulado dos últimos 12 meses, encerrados em setembro, o índice de preços ao produtor amplo registrou elevação de 9,5%, sendo que as matérias-primas brutas registraram elevação de 10,6%, enquanto os preços dos bens intermediários cresceram 9% e dos bens finais 9,1%.

A maior pressão veio dos produtos agropecuários, que tiveram os preços elevados em 14,7%, enquanto os preços industriais subiram 7,6%. Produtos como soja e milho são atrelados em dólar e constituíram as maiores pressões para o crescimento de preços no mês de setembro, além do farelo de soja, do minério de ferro e dos suínos (Fonte: IBRE/FGV). Os dados mostram, portanto, a dificuldade que o produtor industrial tem para repassar a elevação dos custos industriais em 2015, o que gerou a compressão de margens.

Preço da Matéria-Prima, por porte de empresa (pontos)



Fonte: FIESC/PEI e CNI.

O Indicador varia no intervalo de 0 a 100. Valores acima de 50 indicam preços médios acima do usual para o mês e menor que 50 pontos, abaixo do normal para o período.

Os dados sinalizam, portanto, que as expectativas para os próximos seis meses são de baixo crescimento do nível de atividade no mercado interno, o que justifica a perspectiva negativa para os investimentos futuros.

A percepção positiva para o futuro próximo advém da demanda externa, sobretudo para as grandes empresas. Dentre os indicadores financeiros, todos sinalizaram deterioração.

A elevada carga tributária manteve-se como principal obstáculo à competitividade. A desvalorização cambial, enquanto contribui para a melhor perspectiva de crescimento de vendas no mercado externo, gera pressão sobre os custos industriais e representa um importante desafio no curto prazo, sobretudo para os segmentos não exportadores e/ou aqueles que possuem os insumos atrelados à variação do dólar.

GM Consultoria 22.10.2015